



Aprendendo sobre as frutas a partir de séries infantis: uma proposta de reendereço no ensino fundamental

Luciana Ferrari Espindola Cabral^a, Gisele Abreu Lira Corrêa dos Santos^b, Willian Alves Pereira^c, Maria Inês Batista Barbosa Ramos^c, Luiz Augusto Coimbra de Rezende Filho^e

^aProfessora EBTT CEFET-RJ, Doutoranda NUTES- UFRJ

^b Professora EBTT Colégio Pedro II, Doutoranda NUTES – UFRJ

^c Mestrando NUTES-UFRJ

^d Fonoaudióloga INES, Doutoranda NUTES-UFRJ

^e Professor NUTES-UFRJ

ARTICLE INFO

Recebido: 17 de abril de 2018

Aceito: 14 de março de 2019

Disponível on-line: 01 de maio de 2019

Palavras-chave: Reendereço, coviewing, séries infantis.

E-mail:

eusouluciana@gmail.com

giselequimica@gmail.com

willianzucker@gmail.com

maria_ibbr@yahoo.com.br

luizrezende.ufrj@gmail.com

ISSN 2007-9842

© 2019 Institute of Science Education.

All rights reserved

ABSTRACT

This work reports the experience of an activity carried out with students of the first year of elementary school, in a private school in Rio de Janeiro, in which the theme "FRUITS" was worked out of two episodes of children's series exhibited by the Discovery Kids channel, based on the concept of readdress. During the planning of this activity were selected excerpts from the episode "The Case of Strange Seeds", from the children's series "Peixonauta", and the episode "Candy Festival" from the "Lazy Town" series, for display. These quoted audiovisual contents were originally addressed to the children's audience for entertainment purposes. However, when we take the videos to a different context, in the case of the classroom, we have a change in the children's reading mode, which has a student look at the drawings. The children behaved in front of the drawings for the benefit of some learning. The actions and adaptations that teachers make to audiovisual content in order to make it ideal for their didactic purposes, we call readdress. The results showed that several children "discovered" what a seed is and the very concept of fruit. The discussions between the teachers and the students focused on the importance of fruits in the diet, due to their nutritional composition. The objectives of this research were to identify and analyze the address strategies used by the teachers during a class in a class of the first year of elementary school. We conclude that the planning and execution of these address and coviewing actions developed by the teachers were the main reason for the good use of the activity of using videos in the classroom.

Este trabalho relata a experiência de uma atividade realizada com alunos do primeiro ano do ensino fundamental, em uma escola privada no Rio de Janeiro, na qual o tema "FRUTAS" foi trabalhado a partir de dois episódios de séries infantis exibidas pelo canal Discovery Kids, com base no conceito de reendereço. Durante o planejamento desta atividade foram selecionados trechos do episódio "O caso das sementes estranhas", da série infantil "Peixonauta", e o episódio "Festival de Doces", da série "Lazy Town", na íntegra, para exibição. Estes conteúdos audiovisuais citados foram endereçados originalmente ao público infantil com fins de entretenimento. No entanto, ao levarmos os vídeos para um contexto diferente, no caso a sala de aula, provocamos uma mudança no modo de leitura das crianças, que passaram a ter um olhar de estudantes para os desenhos. As crianças se comportaram diante dos desenhos para o proveito de algum aprendizado. As ações e adaptações que os professores realizam a um conteúdo audiovisual a fim de torná-lo ideal aos seus objetivos didáticos, chamamos de reendereço. Os resultados mostraram que várias crianças "descobriram" o que é uma semente e o próprio conceito de fruta. As discussões entre as professoras e os alunos estiveram centradas na importância das frutas na alimentação, devido

a sua composição nutricional. Os objetivos desta pesquisa foram identificar e analisar as estratégias de reendereço utilizadas pelas professoras durante uma aula de uma turma do primeiro ano do ensino fundamental. Concluímos que o planejamento e execução das ações de reendereço e *coviewing* desenvolvidas pelas professoras foram a principal razão do bom aproveitamento da atividade de uso de vídeos em sala de aula.

I. INTRODUÇÃO

Na escola, principalmente na Educação Infantil e Ensino Fundamental I, não apenas a leitura do texto escrito, mas as imagens têm sido utilizadas como um recurso importante de apresentação de diferentes gêneros textuais no momento em que a criança está no processo de alfabetização, de acordo com Silva, Aguiar Jr., Belmiro (2015). Assim, o uso de revistas, jornais, livro didático, livro de história, DVD's, desenhos, entre outros tem se constituído como recursos didáticos importantes para apresentação e discussão de informações, propiciando momentos de criatividade e dando suporte à construção de conceitos científicos.

Neste artigo pretendemos discutir o reendereço de programas infantis para a aprendizagem de conceitos de Ciências. No entanto, sabemos que ainda não é confortável para a Educação o uso de obras audiovisuais na sala de aula, e mesmo quando são usadas, a estrutura na qual são inseridas, permanece ainda com uma visão tradicional de aula, que considera os vídeos como meros instrumentos e não consideram os espectadores e as leituras possíveis. Quando falamos especificamente do uso de material audiovisual como um filme, um programa de TV, um vídeo educativo, temos que ter a noção de que eles são produtos que trazem na sua estrutura de produção elementos que fazem parte de um circuito comunicacional, como por exemplo, o público a quem se destina. A partir desta afirmação, podemos dizer que um conteúdo audiovisual é sempre endereçado a um público com fins específicos, porém os professores podem realizar adaptações na leitura dos conteúdos a fim de torná-los apropriados para o contexto escolar. A isso chamamos de reendereço (Rezende Filho, Bastos, Junior, Pereira & Sá, 2015), em referência ao conceito de endereçamento desenvolvido por Ellsworth (2001).

De acordo com Guimarães e Rezende Filho (2018) se o endereçamento se refere às estruturas dramáticas ou aos elementos estéticos que os produtores escolhem para que o filme seja visto de uma determinada maneira, o reendereço se refere às adaptações e modificações que o educador insere na obra audiovisual, a partir dos elementos que ela já contém, para que ela seja vista de outra maneira pelo espectador/estudante. Para análise desse reendereço, segundo os autores supracitados, deve-se tentar identificar como um modo de leitura pode mudar quando um filme ou programa é exibido em contextos diferentes, como em casa ou na sala de aula, e como determinadas ações podem provocar essa mudança. Nesse tipo de atividade, o *coviewing* também pode estar presente. Ao assistirmos determinados conteúdos, em locais diferentes, como em sala de aula, no cinema ou em casa, em sua maior parte, estamos na companhia de alguém, podendo ser algum parente, companheiro de turma, professor ou amigo. Assistir algo em companhia de outras pessoas é chamado de *coviewing* (Anderson, 2004), que é uma forma de mediação e esse termo tem sido objeto de amplo estudo (Crawler *et al.*, 2002; Anderson, 2004; Sims & Colunga, 2013; Sá, 2015; Lavigne, Hanson, & Anderson, 2015). Assim, o professor atua como mediador entre o vídeo e o espectador/aluno, estimulando através de questionamentos a sua produção de conhecimento.

Os objetivos desta pesquisa foram identificar e analisar as estratégias de reendereço utilizadas pelas professoras durante uma aula de uma turma do primeiro ano do ensino fundamental. Além disso, buscou-se analisar a percepção da professora regente sobre a atividade realizada.

II. MARCO TEÓRICO

II.1 Os modos de leitura

Os espectadores/estudantes desempenham um papel fundamental nas atividades educativas com vídeos. Sobre isso, destacamos o trabalho de Hall (2003) e o de Odin (2005).

Hall (2003) demonstra a relação circular entre a produção e a recepção de uma mensagem através do modelo de codificação/decodificação, existindo uma articulação entre esses dois momentos. Hall se coloca contra a noção de que existiria um fluxo unidirecional entre o emissor (quem origina a mensagem) e o decodificador (quem a recebe a mensagem) e afirma que esses dois momentos são interligados e se retroalimentam, e descreve três posições de leitura, que se relacionam a como o espectador apreende o que ele entende como o significado preferencial da obra tal como parece estar definido pelo seu produtor:

- leitura dominante: posição de transparência ideal e de equivalência perfeita entre o momento de produção da mensagem e leitura da mesma, que corresponde ao sentido preferencial idealizado pelo emissor.
- leitura de oposição: aquela que retira do texto um sentido exatamente oposto ao que foi pretendido pelo emissor da mensagem.
- leitura negociada: aquela que se coloca entre as posições anteriores. É, provavelmente, a forma de leitura mais realizada, pois a maioria das pessoas nunca está totalmente de acordo com o significado preferencial e nem é totalmente contrário a ela.

Hall (2003) chama de significado preferencial aquele que o emissor quer comunicar, a forma como a qual o emissor da mensagem deseja ser compreendido (“leia-me dessa forma”). Embora o significado preferencial trate de uma tentativa de hegemonizar a compreensão do espectador, essa tentativa nunca é inteiramente eficaz, pois não é possível conter todas as possíveis leituras de um texto. No nível da decodificação, o leitor/espectador sempre poderá compreender a mensagem de outra forma. O que não significa que a mensagem contida em um texto seja infinitamente aberta a qualquer interpretação, já que há elementos internos no texto que direcionam essa significação.

Odin (2005) analisa a produção de sentido feita pelo público, afirma que um filme não tem sentido em si e adquire sentido apenas na sua relação com o sujeito que o percebe e dispõe a compreender que relações afetivas são possíveis instaurar com um filme. O autor descreve nove modos diferentes de leitura que um espectador pode fazer de uma obra. São eles:

- 1- Modo espetacular: ver um filme como espetáculo;
- 2- Modo ficcionalizante: ver um filme para vibrar ao ritmo dos acontecimentos fictícios narrados;
- 3- Modo fabulizante: ver um filme para receber um ensinamento da narrativa;
- 4- Modo documentário: ver um filme para obter informações sobre a realidade das coisas do mundo;
- 5- Modo argumentativo/persuasivo: ver um filme para elaborar um discurso;
- 6- Modo artístico: ver um filme como sendo a produção de um autor;
- 7- Modo estético: assistir um filme se interessando pelo trabalho feito com as imagens e os sons.
- 8- Modo energético: ver um filme para vibrar ao ritmo das imagens e dos sons.
- 9- Modo privado: ver um filme voltando-se para a sua vivência e/ou a do grupo ao qual se pertence.

O autor destaca que ao assistir uma obra, um ou mais modos de leitura são convocados, embora um deles seja o modo predominante.

II.2 O conceito reendereçamento

O conceito de reendereçamento foi inspirado a partir do conceito de modos de endereçamento (Ellsworth, 2001). Este é um conceito da teoria do cinema, adaptado para o campo da educação. Segundo a autora, os produtores ao fazerem um filme visam e imaginam um certo público, e o modo de endereçamento seria esse “invisível processo que parece “convocar” o espectador a uma posição a partir da qual ele deve ler o filme” (2001, p.17). Logo, para a autora, os modos de endereçamento tratam da relação entre o texto de um filme e a experiência do espectador.

Considerando que os espectadores reais podem não ser exatamente da forma como eles foram imaginados, isto pode originar “erros” em seu endereçamento. Essas falhas podem implicar em formas de exclusão de determinados públicos ou camadas do público, ou até mesmo produzir a inclusão de um público diferente do que foi idealizado.

Assim, o endereçamento é um elo entre a produção e a recepção. De acordo com a autora, o produtor constrói o filme preferencialmente para um espectador imaginado, seus interesses comerciais o fazem tentar controlar ao máximo

como e a partir de onde o espectador ou a espectadora lê este filme. Na recepção, para que o filme tenha o sentido pretendido pelo produtor, o espectador tem que assumir as posições que lhe foram oferecidas a ocupar neste sistema. Porém, na maior parte das vezes, o que ocorre é uma negociação, devido a influência das nossas subjetividades e experiências socioculturais na construção dos sentidos. Considera-se que os espectadores podem até mesmo ler os filmes em direção contrária a seus modos de endereçamento.

No campo pedagógico, a autora Ellsworth considera que os professores, assim como os produtores de cinema, também não controlam o modo de endereçamento, esperar que os estudantes façam leituras previsíveis e desejadas pelo professor seria uma busca inocente. A partir disso, a autora sugere que os professores possam se utilizar deste momento da diferença de resposta de forma produtiva para o aprendizado.

A noção de reendereçamento também foi construída a partir do conceito de modos de leitura de Roger Odin (2005). Para o autor, a produção do sentido é influenciada pelos espaços de onde o filme está sendo exibido, como por exemplo: a escola. O espaço escolar nos “impõe” ver para tirar informações do filme e não na construção de uma leitura para a diversão. A partir disso, Odin classificou nove modos de leitura, já citados anteriormente, que mostram como uma obra pode ter seu sentido modificado de acordo com o contexto de sua exibição.

O reendereçamento é um processo de construção de um novo endereçamento, aquele que reendereça utiliza uma obra audiovisual pronta, mas a adapta para um outro contexto ou um outro tipo de espectador, modificando assim o seu endereçamento original.

No reendereçamento, estas ações de adaptação do mediador podem concordar ou contrariar as informações ou características da obra audiovisual original. Edições feitas podem modificar completamente a forma em que a história é narrada, ou que os personagens são representados, entre outros aspectos. Sendo assim, a mediação feita é uma ação que influencia na produção de significados.

O reendereçamento pode também implicar em um deslocamento da posição do espectador para ver a obra audiovisual. Neste caso, as estratégias de reendereçamento construídas pelas professoras dirigiriam o olhar dos alunos para assistir desenhos animados com o objetivo da construção do conceito de fruta. Assim, as crianças se deslocaram da posição de espectadores que buscavam entretenimento no desenho animado, para o de estudante que busca conhecer a ciência. Talvez, se estas mesmas crianças vissem o mesmo desenho em suas casas, elas não atentariam para aspectos que foram tratados como destaques pelas professoras em sala de aula.

Neste caso, a noção de reendereçamento foi utilizada pelas professoras para tentar produzir sentidos de leitura comuns em relação aos seus objetivos didáticos, ainda que possamos prever que nem todos os alunos terão a compreensão que as professoras esperavam.

II.3 O programa infantil como instrumento de aprendizagem para a criança

De acordo com Correia (2012), na atualidade as crianças são um público importante para a indústria dos bens culturais, já que as mesmas desde muito cedo são estimuladas principalmente pelas famílias a serem consumidoras desses bens. A mesma autora considera que mesmo dentro de um cenário de consumo, a criança pode utilizar este momento de interação com a mídia para elaborar sua visão de mundo e dar sentido ao que está a sua volta e o que vivencia no seu dia a dia.

Para Morley (1996), em algumas salas de aula os materiais audiovisuais como vídeo, filmes ou programas de televisão têm sido explorados considerando que existe nestes recursos um potencial educacional, isto é, melhora o potencial de desenvolvimento dos alunos.

Para Fuenzalida (2015), a mudança de visão sobre o papel social da criança provocou uma transformação importante na forma de se produzir os programas infantis, isto é, a criança como protagonista da história, a interatividade fazendo com que a criança seja convocada a participar do programa por meio de uma ação, seja ela verbal ao responder uma questão direta, ou indiretamente por meio corporal com palmas ou dança. A segmentação por faixa etária está organizada de forma que o público a ser alcançado tenha determinado desenvolvimento cognitivo, afetivo ou mesmo de linguagem.

Levar, portanto, um programa infantil para a sala de aula, pode implicar num rompimento de uma dinâmica cristalizada onde, o professor é o tempo todo o protagonista, para uma dinâmica que traz uma linguagem imagética, criativa e capaz de inovar na forma de aprender um determinado conteúdo. Além disto, assistir programa infantil em sala de aula pode permitir que as crianças ampliem o seu repertório cultural a partir do olhar sobre a narrativa estética e ideológica do material audiovisual ancorada nas novas propostas de se produzir programas para criança, como descrito por Fuenzalida. Ao tornar o aluno um espectador em sala de aula, o professor deve ter em mente que esta ação envolve não apenas aprendizagens significativas a partir de um material que trabalha com um determinado conteúdo, mas mobilizará a partir das representações que busquem reafirmar as capacidades das crianças por meio de uma estrutura lúdico-afetiva. Mesmo compromissado com um conteúdo “educativo”, mas também com entretenimento, o material audiovisual pode estar relacionado com aspectos sociais e afetivos. De acordo com Fuenzalida (2015), a neurociência também tem contribuído nos estudos dos programas infantis considerando que os mesmos devem estimular as competências internas das crianças na dimensão da inteligência emocional e para Pereira (2005), os programas também buscam mobilizar uma carga afetiva e lúdica associando entretenimento e educação.

A literatura aborda o *coviewing* em uma perspectiva de alfabetização infantil, já que o primeiro contato com a televisão ocorre em casa, em um ambiente familiar, no qual a família desempenha um importante papel como mediadora entre a mídia e a criança (Matos, 2008).

Lavigne, Hanson e Anderson (2015) nos mostram que durante o *coviewing* entre pais e filhos, a quantidade de palavras ditas pelos pais é menor que o programa de televisão, porém, é mais rico em relação ao número de palavras novas, tornando o vocabulário infantil mais diversificado.

Matos (2008) descreve quatro diferentes tipos de mediações que podem ser feitas pelos pais durante o *coviewing*, podendo ser 1) a mediação restritiva, ou seja, quando se estabelecem regras e limites para a utilização da televisão; 2) a co-exposição, quando assistem televisão junto aos filhos, mas não há um aprofundamento da discussão; 3) a mediação avaliativa, quando conversam e discutem sobre o assunto abordado, aprofundando o tema e 4) o clima familiar, que ocorre de forma indireta, em conversas informais entre os membros da família.

Ao se utilizar um conteúdo audiovisual em sala de aula, se faz importante e fundamental a mediação do professor, já que os programas infantis podem apresentar diferentes significados por parte do espectador, devido a mensagem ser polissêmica, ou seja, possui diferentes significados (Fuenzalida, 2016).

De acordo com Crawler et al. (2002), quando o conteúdo de um programa é novo e exigente, a atenção por parte do espectador é alta, porém a sua participação é menor, diminuindo a troca de informações que se tem entre a atenção e a participação do público. A utilização de um conteúdo já conhecido por parte dos espectadores é o ideal, já que o nível de exigência de atenção será menor e a discussão do conteúdo maior, por já dominarem o conteúdo.

II.4 Do endereçamento ao reendereçamento: estratégias de interação com a audiência - as escolhas dos vídeos

A aula foi planejada a partir da exibição completa do episódio “Festival de Doce” do seriado infantil *Lasy Town* e posteriormente com dois trechos do desenho intitulado “O caso das sementes estranhas” do seriado infantil *Peixonauta*. A escolha dos vídeos foi orientada a partir da relação destes com o tema “frutas” e dos objetivos de ensino-aprendizagem da professora regente em relação ao tratamento de conceitos que seriam estabelecidos em sala de aula.

De acordo com Rezende Filho, Freire e Ramos (2016) o programa do *Peixonauta*, assim como outros programas infantis, têm buscado trazer para o universo infantil a temática da Educação Ambiental. O seriado apresenta em sua estrutura elementos mais atuais na forma de produzir os programas infantis como a interatividade, a segmentação por faixa etária e a criança como protagonista (Fuenzalida, 2015). A animação foi criada por Celia Catunda e Kiko Mistrorigo, produzida pela TV Pinguim juntamente com a Discovery Kids. De acordo com o site que hospeda o programa, o público alvo é de crianças entre 4 a 7 anos. O personagem principal é um peixe-astronauta que voa fora d’água, fala, investiga e desvenda, junto com seus amigos, mistérios que envolvem temas de Educação Ambiental. O episódio escolhido para o desenvolvimento da atividade foi “O caso das sementes estranhas” com uma abordagem centrada na ecologia, o episódio mostra que durante um acampamento no parque, a barraca dos meninos é atingida por

uma chuva de sementes. Mariana, Zico e Peixonauta conhecem alguns morcegos e aprendem a importância do ecossistema. Para verificar se o episódio estava ou não adequado para o objetivo da atividade foi feita a sua visualização prévia.

O episódio do Peixonauta não foi planejado para ser exibido na íntegra. Foram exibidos a apresentação do seu início, no qual é apresentado o problema: algo estranho chove na barraca onde os personagens estão, seguido de um avanço no vídeo com o desenvolver da história e com a projeção da finalização do desenho: momento que o caso é solucionado com o Peixonauta descobrindo que ocorreu uma chuva de sementes. Esta decisão se justifica ao fato de que os alunos assistiriam apenas os trechos que estariam relacionados aos conteúdos.

Lazy Town é uma série de origem Islandesa, originada a partir de um livro homônimo, escrito por Magnús Scheving, ator que encena o personagem principal Sportacus.¹ Este, com a ajuda da personagem Stephanie (também protagonista), estimulam as crianças da vizinhança a manter hábitos saudáveis, como a prática de esportes e o consumo de frutas e verduras, e os ajudam a resolver os problemas ocasionados pelo vilão Robbie Rotten, um homem preguiçoso que busca arruinar a diversão dos moradores de Lazy Town. Os personagens principais baseiam suas ações no bem, tomando decisões relacionadas à manutenção da integridade do ser humano. O enredo da série privilegia o esforço e o trabalho em equipe como mecanismos para alcançar os objetivos. A série promove a saúde e o esporte como condições para o bom desenvolvimento das crianças, assim como a importância da alimentação saudável (Martinez, 2012). O episódio escolhido para o desenvolvimento da atividade foi “Festival de doce” no qual ocorre o incentivo ao consumo de frutas e legumes em detrimento a doces como pirulitos.

A partir da análise dos vídeos foi percebida a possibilidade de abordagem dos seguintes conceitos no episódio “Festival de doce” da série *Lazy Town*: frutas como alimentos saudáveis, ricos em vitaminas, fibras e sais minerais; relação entre alimentação saudável e saúde, avitaminoses. Já no *Peixonauta*, seriam os seguintes: conceito de frutas (órgão vegetal), sementes, processo de germinação, dispersão de sementes, reprodução das plantas.

Devido à finalização da exibição do seriado *Lazy Town* na emissora de televisão *Discovery Kids América Latina* no ano de 2014, foi previsto que os alunos não tivessem conhecimento prévio a respeito do desenho. Para isso, a professora pesquisadora planejou uma estratégia de mediação com pausa na metade do episódio, para que ela pudesse verificar se os alunos estariam compreendendo a função de cada personagem, bem como a narrativa. Ao fim da exibição do episódio novamente seria feita uma confirmação do entendimento da narrativa através do pedido para que os alunos contassem a “moral da história”.

Em relação ao conhecimento dos alunos do desenho *Peixonauta*, foi feita uma suposição de que eles já o conhecessem devido à sua transmissão até os dias atuais na emissora *Discovery Kids América Latina*. Logo, a exibição do trecho do episódio do *Peixonauta* foi planejada apenas com pausas para a apresentação de conceitos com a interação entre as professoras e os alunos. Assim, a estratégia da escolha do trecho do desenho e a pausa associada à mediação das professoras (reendereço) permitiria que os conteúdos científicos que são apresentados com certa liberdade nos episódios fossem explorados didaticamente para o ensino de ciências.

A seguir serão apresentadas as estratégias de reendereço dos vídeos que foram utilizadas em sala de aula para o ensino do tema “frutas” no 1º ano do ensino fundamental.

QUADRO I. Estratégias de reendereço do episódio “Festival de Doces”.

Seriado/Episódio	Festival de Doce
Trecho/Cena	Episódio Completo
Duração	20'28''
Conteúdos	Associação positiva entre a ingestão de frutas e bem-estar físico.
Descrição da Cena	Foi exibido o episódio completo.
Justificativa da escolha	O vídeo foi escolhido por apresentar um conjunto de características que indicam um endereçamento ao público infantil, como a construção dos seus personagens, trilha sonora e enredo, além de exibir em seu discurso informações relevantes ao planejamento da atividade didática, como por exemplo, a ideia de que a ingestão de frutas promove a saúde das crianças.

Ações de reendereço	<p>Pausa no momento de apresentação do antagonista que odeia as frutas e que tramou um plano maquiavélico para ninguém comer frutas. A professora pesquisadora perguntou aos alunos/espectadores o que eles pensavam a respeito daquele personagem, e se eles perceberam que se tratava do personagem “do mal”. Os alunos/espectadores responderam que perceberam sim, em função da “cara de eca” feita pelo antagonista ao se referir as frutas. Isso demonstra que os alunos/espectadores são capazes de interpretar que a ingestão de frutas é uma ação positiva, por ser contrária à posição do antagonista do episódio.</p> <p>Ao final da exibição, a professora pesquisadora questionou novamente os alunos ao perguntar se eles perceberam o que aconteceu com os personagens que comem as frutas. A conclusão dos alunos foi que quem come frutas fica forte. Em seguida iniciamos uma discussão sobre a presença das vitaminas nas frutas.</p>
----------------------------	--

QUADRO II. Estratégias de reendereço do episódio. “O caso das sementes estranhas”.

Seriado/Episódio	“O caso das sementes estranhas”
Trecho/ Cena	Cena A: de 1’50” à 2’53” e Cena B: de 6’17” a 7’40”
Duração	12’05”
Conteúdos	Dispersão de sementes por morcegos
Descrição da Cena	<p>Cena A: Os personagens (crianças amigas do Peixonauta) percebem que choveu algo estranho que parecem sementes de cheiro ruim que caíram sobre sua barraca de acampamento, então elas chamam o Peixonauta. Ele examina o material e confirma que são mesmo sementes.</p> <p>Cena B: O Peixonauta recolhe as sementes e as “escaneia” em seu laboratório. Dessa forma, ele descobre que as sementes são defecadas por morcegos, e assim ocorre a reprodução das árvores. Marina e Peixonauta concluem que os morcegos frugívoros promoveram uma chuva de sementes sobre a barraca.</p>
Justificativa da escolha	As duas cenas escolhidas pelas professoras mostram a semente como estrutura reprodutiva dos vegetais e permitem a conexão com o vídeo exibido anteriormente (Festival de doce) que aponta que as sementes “moram” dentro das frutas.
Ações de reendereço	A exibição de dois trechos, ao invés do vídeo na íntegra foi uma escolha das professoras de modo a atender à necessidade de inserção do conteúdo sem extrapolar o tempo previsto para a atividade. As professoras acordaram que o recorte do vídeo nesses dois pontos (apresentação do problema e desfecho do mesmo) seria suficiente para que os alunos/espectadores compreendessem o conteúdo a ser trabalhado (a relação dos frutos e sementes com a reprodução das plantas).

III. METODOLOGIA

Convidada pela professora regente, a professora pesquisadora participou do planejamento e da execução da atividade. A sugestão de uso de episódios de séries infantis foi feita pela professora pesquisadora, porém as escolhas sobre como esse uso seria efetuado foram realizadas pela professora regente, a partir dos seus conhecimentos prévios sobre a turma. A atividade, inserida no planejamento para o ensino do tema “frutas”, foi realizada em uma turma do 1º ano do ensino fundamental. Após o término da atividade, a professora regente respondeu o questionário exibido no quadro III, sobre a atividade de reendereço realizada na turma.

QUADRO III. Questionários sobre a atividade de reendereço utilizada.

- 1) Qual o assunto do conteúdo que se relaciona aos vídeos apresentados às crianças?
- 2) Você observou alguma dificuldade na compreensão dos vídeos? Qual(is)?
- 3) Quais os pontos positivos dos vídeos apresentados para o ensino e aprendizagem de ciências das crianças do 1º ano?
- 4) Quais os pontos negativos dos vídeos apresentados para o ensino e aprendizagem de ciências das crianças do 1º ano?
- 5) Você acredita que este vídeo tenha contribuído para a compreensão dos conteúdos abordados em sala de aula? Justifique.
- 6) Você gostaria de fazer mais algum comentário sobre a utilização dos vídeos em aula? Alguma consideração a mais?

IV. RESULTADOS E DISCUSSÃO**IV.1 Um breve relato da experiência**

Para o desenvolvimento da atividade foram selecionados pelas professoras os episódios das duas séries acima apresentadas. Essas séries não foram produzidas para o contexto escolar, mas identificou-se que continham elementos convergentes ao ensino escolar. Assim, ao serem exibidas em sala de aula passaram a ser utilizado como um material audiovisual com intenções educativas, como nos permite perceber o conceito de reendereço.

O episódio “O caso das sementes estranhas” da série infantil “Peixonauta” tem como temática principal o ecossistema, mas ao reendereço o vídeo as professoras selecionaram dois trechos com a intenção de chamar a atenção das crianças sobre as sementes e sua relação com as frutas. O outro vídeo (“Festival de Doce” da série *Lazy Town*) já trazia o tema das frutas e legumes como fonte de energia para o organismo e foi exibido integralmente. Tanto no primeiro quando no segundo, a visualização das crianças ocorreu com a co-participação da professora regente e da professora pesquisadora convidada que buscaram a partir dos desenhos, trazer para a sala de aula uma discussão sobre o papel das frutas na alimentação humana e a sua função na natureza, adequada à faixa etária dos alunos. Após a exibição do episódio “Festival de doce” os alunos/espectadores foram convidados a provar algumas frutas. Alguns alunos provaram algumas frutas pela primeira vez, ampliando a sua percepção gustativa. Várias crianças “descobriram” o que é uma semente e o próprio conceito de fruta. Após essa experimentação, obedecendo a sequência do planejamento da professora regente, foi exibido o episódio “O caso das sementes estranhas”, dando continuidade à discussão, com a introdução do conceito biológico de fruta. Durante as discussões o foco esteve na importância das frutas na alimentação, devido a sua composição nutricional.

IV.2 Questionário e entrevista

O questionário aplicado à professora regente nos mostra que o mais importante na escolha dos seriados infantis foi a identificação com o tema alimentação saudável a ser trabalhado em sala de aula. Nas palavras da professora regente os vídeos contemplam “a importância da alimentação de frutas, legumes e verduras para manter o corpo forte e saudável”.

Em entrevista com a professora regente, obtivemos a informação de que as crianças naquele ano escolar, até aquele momento, não haviam tido contato com o uso de audiovisual em sala de aula. Embora, contássemos com uma hipótese de que o uso das animações pudesse agitar e descontrolar o ambiente, podendo até mesmo descaracterizar o uso do vídeo como aula, percebemos uma postura das crianças de reconhecimento do uso do audiovisual como importante para a aprendizagem. A professora da turma, no questionário, relatou que a turma em geral durante a aplicação da proposta se mostrou interessada e participativa.

Outro fato que merece ser destacado seria a desconstrução do desenho do “Peixonauta” com a exibição somente dos trechos articulados ao tema. Frente a isso, pode-se ouvir algumas crianças reclamando deste aspecto da descontinuidade do desenho. Atendendo a essas críticas foi explicado às crianças a relação do uso do vídeo ao conteúdo do aprendizado, e que por isso somente seriam passadas algumas cenas.

Segundo a professora regente, o planejamento de sua aula com uso do vídeo atendeu aos seus objetivos didáticos propostos, que seriam a aprendizagem da importância que tem cada alimento, as vitaminas encontradas neles e a função de cada uma delas para o bom funcionamento do nosso corpo.

A professora atribui os resultados positivos da aplicação da proposta ao fato de o vídeo ser “um recurso lúdico muito rico, pois prende a atenção deles por trazer para a sala de aula a imaginação e a fantasia”. Ela acrescenta que “os sons trazem mais dinamismo às imagens, além de possibilitar o uso de narrações e diálogos para explicar o conteúdo com mais clareza. Através desse meio, a relação do aluno com o conteúdo abordado se dá de maneira diferenciada”. Apesar de todos esses fatores apontados pela professora, que o vídeo pode oferecer para o processo de ensino e aprendizagem, nós atribuímos esse resultado a aspectos centrados na postura do professor. Dentre estes, ressaltamos o planejamento anterior à aula: a assistência dos vídeos, a escolha dos trechos, aos recursos utilizados de pausa e retrocesso, além de toda mediação feita pelas professoras, por meio das discussões promovidas durante a atividade. Em concordância com Pretto (2013) o vídeo por si só não é autossuficiente.

Destacamos que a fala da professora regente é um tanto reducionista quanto às possibilidades do uso do vídeo, pois as professoras foram além do seu uso em caráter instrumental (Pretto, 2013), utilizando-o para desenvolver a imaginação e a interpretação da linguagem audiovisual pelas crianças. Essa atividade foi desenvolvida a partir do conhecimento do referencial do reendereço e por esse motivo, embora exiba uma clara instrumentalidade no uso do vídeo, ao exemplificar e ilustrar conteúdos para promover o ensino de ciências, deve-se considerar que a escolha desses vídeos foi realizada com base na percepção de seu endereçamento original e da suposição do interesse de seu público-alvo durante exibição, desenvolvendo então o que Pretto (2013) classifica como “fundamento” no uso do audiovisual no ensino. Acreditamos que o planejamento e a execução das ações planejadas em conjunto pelas professoras regente e pesquisadora é que tenham sido as principais ações responsáveis pelo sucesso da atividade realizada com os alunos/espectadores. Esse sucesso pode ser aferido por meio da observação do envolvimento dos alunos/espectadores com a atividade, com a ampla participação dos mesmos nas discussões e através das respostas dadas por eles aos exercícios sobre a atividade, como forma de verificação da aquisição de novos conteúdos pelos alunos. O planejamento foi desenvolvido a partir do conhecimento da professora regente sobre seu público-alvo, gerando suposições a respeito das possíveis reações dos alunos/espectadores. As decisões a respeito das estratégias de reendereço desenvolvidas foram feitas a partir desse conhecimento prévio da professora regente em relação a sua turma e assim foram definidas as ações de apenas pausar o vídeo “Festival de doce” e exibir apenas trechos do vídeo “O caso das sementes estranhas”.

Após o uso do vídeo, a professora deu continuidade à atividade em dia posterior, estimulando a reconstrução de memórias, em representações de desenhos, do que foi compreendido. Em alguns desses desenhos podemos observar elementos que corroboram essa percepção da importância da ação das professoras, como por exemplo, o fato de um aluno representar a professora pesquisadora em resposta à tarefa elaborada pela professora regente na aula seguinte (Figura 1). A seta em vermelho indica a representação da professora pesquisadora no desenho realizado por um aluno/espectador.

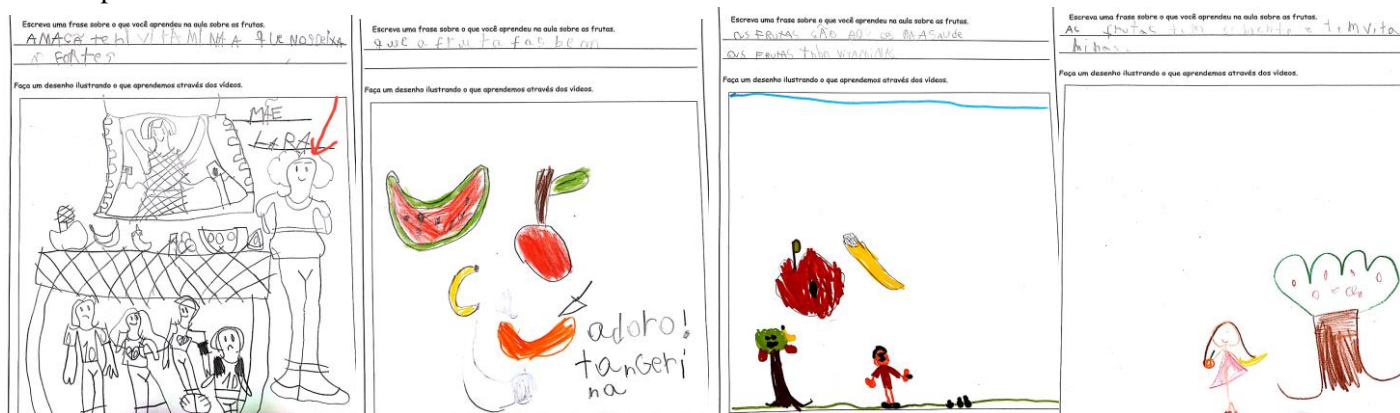


FIGURA 1. Amostra de respostas à atividade desenvolvida pela professora regente com os alunos/espectadores no dia seguinte a exibição dos vídeos.

As respostas dos alunos/espectadores aos questionamentos realizados pelas professoras durante e após a atividade indicam que pelo percebido em nenhum momento os estudantes/espectadores se opõem as mensagens pretendidas pelos emissores, no caso os produtores dos vídeos. Os alunos concordam que a ingestão de frutas favorece a saúde (Figura. 1), e se mostraram capazes de compreender a função das frutas na natureza, como órgãos reprodutores dos vegetais, a partir do vídeo “O caso das sementes estranhas”.

Acreditamos que a ação de reendereço das professoras reside justamente no fato de escolher dois vídeos comerciais, produzidos para serem exibidos no contexto doméstico e na companhia da família, e exibi-lo em um contexto escolar, com o *coviewing* das professoras. Desta forma, buscou-se fazer com que esses vídeos que normalmente seriam vistos pelos alunos apenas nos modos “espetacular”; “ficcionalizante”, “fabulizante” e “energético”, propostos por Odin (2005), fossem vistos também no “modo documentário” para obter informações sistematizadas e escolares sobre a natureza das frutas e a saúde dos seres humanos.

V. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso de do material audiovisual na atividade proposta acima nos mostrou que a ideia da professora sobre o uso do material audiovisual na sala ainda está pautada numa visão restrita do material apenas como uma forma lúdica de trabalhar com os conteúdos contidos na obra, desconhecendo portanto, a visão do material audiovisual como algo que está entre o campo da Comunicação e da Educação. No entanto, alguns conceitos como audiência, significado e leitura preferencial são importantes na hora da escolha e uso do material pelo professor. Por parte dos alunos foi possível perceber um certo estranhamento, pois desejam ver o material ainda dentro da lógica do entretenimento, muito embora tenham associado, a partir da intervenção das professoras, o entretenimento com o conteúdo dentro do objetivo da atividade.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais sobre Ciências Naturais existe uma indicação da utilização de diferentes linguagens e recursos tecnológicos para a aquisição e construção de conhecimentos com a intenção não apenas de transmissão de conteúdo, mas que ao utilizar-se destes recursos que estão presentes no dia a dia da criança e adolescente, para que ele possa se tornar um sujeito mais criativo e participativo no seu processo de aprendizagem.

Concluimos que o planejamento e execução das ações de reendereço e *coviewing* desenvolvidas pelas professoras foram a principal razão do bom aproveitamento da atividade de uso de vídeos em sala de aula, pois apesar de saberem que comer fruta é importante, muitos nunca tinham comido algumas das frutas que foram utilizadas na aula, sendo esta, o seu primeiro contato. A descoberta do conceito de fruta e a sua importância na alimentação, por causa das vitaminas e minerais, são conceitos importantes que serão levados para o dia a dia e poderão ser passadas para os seus pais em casa, alcançando um ambiente além da sala de aula.

REFERÊNCIAS

- Anderson, D. R. (2004). Watching children watch television and the creation of Blue's Clues. In Hendershoth. (Ed.), Nickelodeon nation: The history, politics, and economics of America's only TV channel for kids. 241-268.
- Correia, L. S. B. (2012). A mídia, as crianças e a produção de conteúdo cultural. *Revista Mídia e Cotidiano*, 1(1), 97-108.
- Crawley, A. M., Anderson, D. R., Santomero, A., Wilder, A., Williams, M., Evans, M. K., & Bryant, J. (2002). Do children learn how to watch television? The impact of extensive experience with Blue's Clues on preschool children's television viewing behavior. *Journal of communication*, 52(2), 264-280.
- Ellsworth, E. (2001). *Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito*. Belo Horizonte: Autêntica.

- Fuenzalida, V. (2016). Política pública: a televisão infantil na educação infantil. *Comunicação & Educação*, 21(2), 69-86.
- Fuenzalida, V. (2015). Televisão pública e mudança digital: tecnologia TV-audiências-formatos. *MATRIZES*, 9, 1, 103-126.
- Guimarães, B. R., & Rezende Filho, L. A. C. (2018). Ensinando genética com filmes e séries: análise de propostas por meio do estudo do reendereço. *Revista Tecnologia & Cultura (CEFET/RJ)*, 31, 21-28.
- Hall, S. (2003). *Codificação/decodificação. Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Lavigne, H. J., Hanson, K. G., & Anderson, D. R. (2015). The influence of television coviewing on parent language directed at toddlers. *Journal of Applied Developmental Psychology*, 36, 1-10.
- Martínez, R. I. A. (2012). La responsabilidad social de las empresas televisoras vs el contenido de sus series infantiles y juveniles: casos Cartoon Network, Discovery Kids, Disney Channel y Nickelodeon. *Dialogos de la comunicación*, 85, 1-24.
- Matos, A. P. M. (2008). Ver TV em família. *Revista Científica de Educomunicación*, 31, 16, 121-127.
- Morley, D. (1996). Interpretar televisión: la audiencia de Nationwide. Morley, D. *Televisión, audiencias y estudios culturales*. Buenos Aires: Amorrortu.
- Odin, R. (2005). A questão do público: uma abordagem semiopragmática. *Teoria contemporânea do cinema*, 2, 27-45.
- Pereira, S. (2005). A qualidade na televisão para crianças. *Revista Científica de Comunicación y Educación*, 25, 181-192.
- Pretto, N. D. L. (2013). *Uma escola sem/com futuro: educação e multimídia*. Salvador: EDUFBA.
- Rezende Filho, L. A. C., Bastos, W. G., Junior, A. D. A. P., Pereira, M. V., & de Sá, M. B. (2015). Contribuições dos estudos de recepção audiovisual para a educação em ciências e saúde. *Alexandria: Revista de Educação em Ciência e Tecnologia*, 8(2), 143-161.
- Rezende Filho, L. A. C., Freire, L. M., & Ramos, M. I. B. B. (2017). Educação Ambiental e endereçamento de desenhos animados: uma análise das questões ambientais no programa Peixonauta. *Anais do XI Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências (ENPEC)*, Florianópolis: ABRAPEC.
- Sá, F. P. (2015). The co-viewing 2.0: Detaching from history and applying in the new media age. *Культура/Culture*, 5(11), 55-64.
- Silva, A. F., Aguiar Jr, O., & Belmiro, C. A. (2015). Imagens e desenhos infantis nos processos de construção de sentidos em uma sequência de ensino sobre ciclo da água. *Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências*, 17(3), 607-632.
- Sims, C., & Colunga, E. (2013). Parent-child screen media co-viewing: Influences on toddlers' Word learning and retention. In *Proceedings of the Annual Meeting of the Cognitive Science Society*, 35, 35.

ⁱ Fonte: http://tvcultura.com.br/videos/28306_vitrine-lazy-town.html. Acesso em 14/09/2018.